



Comunicação Comunitária e Alternativa em Tempos de Convergência Digital ¹

Davi Alves MAZZO²

André Araújo SILVA³

Juliana Bulhões Alberto DANTAS⁴

Polliana Érika Araújo de MORAIS⁵

Juciano de Sousa LACERDA⁶

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

O atual texto objetiva apresentar aspectos e algumas reflexões sobre a comunicação comunitária na região metropolitana de Natal. Traçamos inicialmente uma conceituação assim como uma apresentação histórica da comunicação comunitária e alternativa no Brasil, para posteriormente expor os dados e reflexões resultante de nossa experiência, coletados no projeto da Universidade do Rio Grande do Norte, Comunicação Comunitária em Rede na Região Metropolitana de Natal orientada pelo professor doutor Juciano de Sousa Lacerda que desenvolve um trabalho numa perspectiva de Ação Acadêmica Associada de pesquisa, ensino e extensão. Mostramos nesse trabalho como estão sendo utilizadas as tecnologias digitais pelos projetos de comunicação alternativa, comunitária e local na região metropolitana de Natal.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias Digitais - Convergência Tecnológica - Comunicação Comunitária - Comunicação Alternativa – Cidadania.

¹ Trabalho apresentado no - GP Conteúdos Digitais e Convergência Tecnológicas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFRN, bolsista do projeto Convergência Digital no Cotidiano das Práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN, financiado pela Propesq/Proex/Prograd-UFRN, email: davi_ler@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação do 1º semestre do curso de Comunicação Social – Radialismo da UFRN, bolsista do projeto Convergência Digital no Cotidiano das Práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN, financiado pela Propesq/Proex/Prograd-UFRN.

⁴ Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFRN, bolsista do projeto Convergência Digital no Cotidiano das Práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN.

^{4s} Estudante de Graduação do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Rádio e TV da UFRN.

⁶ Orientador do trabalho Prof. Adjunto do Curso de Comunicação Social e do Mestrado em Estudos da Mídia da UFRN. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Pragma – Pragmática da Comunicação e da Mídia (UFRN/CNPq). Coordenador do Projeto Convergência Digital no cotidiano das práticas de Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal-RN, financiado pela Propesq/Proex/Prograd-UFRN, e-mail: juciano@cchla.ufrn.br

Introdução

Devido às constantes transformações tecnológicas, estamos observando uma série de mudanças nos meios de comunicação, tanto no modo de recepção quanto de transmissão de conteúdo informacional. Desde transformações nos meios tecnológicos com o advento de tecnologias que conseguem, cada vez mais, convergir funções num mesmo aparelho, capacidade de armazenamento, reprodução, qualidade de imagens e velocidade cada vez maiores e melhores, a internet criando suporte para dar vazão a toda essa capacidade comunicacional, até, mudanças estruturais em várias instituições para conseguir alinhar-se a essa demanda haja vista o aparecimento de novos setores assim como novas empresas especializados em mídias sociais e essas novas tecnologias de comunicação. É nessa hora que vemos a necessidade de analisar e criticamente pensarmos no uso dessas tecnologias. Assim de que forma pode e está sendo utilizada para se estabelecer um enrijecimento nos vínculos de interação entre os vários movimentos sociais na chamada comunicação comunitária, local e ou alternativa. E também de como essa tecnologia está sendo utilizada como meio de criar e disponibilizar seu próprio conteúdo passando de receptores para tornarem-se agentes ativos no processo. Assim utilizando como referência as experiências do projeto Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal, traçaremos alguns aspectos e exibiremos dados coletados nessa experiência até agora.

Comunicação Comunitária em tempos de Convergência Digital

A comunicação comunitária remonta do final da década de 70 e anos 80, quando esta era vinculada aos movimentos sociais populares. Porém, não podemos deixar de comentar que experiência de comunicação ligada às classes subalternas vem antes disso. “Haja vista a imprensa operária e sindical, e nos bairros os boletins, alto-falantes, teatro, volantes, seqüências sonorizadas de slides, cartilhas, faixas e tantos outros[...]” (PERUZZO, 1998)

Esses movimentos advinham de classes subalternas que almejavam satisfazer “suas necessidades de acesso aos bens de consumo coletivo, numa conjuntura de opressão à participação política e da degradação das condições de existência de grande

parcela da população, advindas das condições impostas pelos regimes militares autoritários” (PERUZZO, 1998).

Com a transição do regime militar autoritário para a democracia, muitas mudanças passam a ocorrer. O processo de democratização da comunicação fez com que a grande mídia passasse a explorar assuntos que antes eram abordados apenas por segmentos progressistas. Vão surgindo rádios comunitárias, com sistemas de alto-falantes criados por movimentos populares que não tinham espaço nas emissoras convencionais para veicular e/ou produzir seus programas, além das TV's de Rua.

Contudo, o alcance da tecnologia não chegava a maior parte da população. A transição dos alto-falantes para as rádios comunitárias e das TV's de Rua para os Canais Comunitários se deu de forma lenta, uma vez que ainda se utilizava instrumentos rudimentares para a execução dessas atividades.

Para entendermos o que é comunicação comunitária, faz-se necessário uma compreensão do que é comunidade que, “nos dias atuais, carrega noções de coisas em comum, de laços fortes entre os membros e de um ‘movimento’ em torno do coletivo que supera as amarras do individualismo. [...] o comunitário ajuda a construir uma prática social em que se desenvolvem aptidões associativas e solidárias” (PERUZZO, 2003)

Inicialmente, a mídia comunitária era chamada de alternativa. Segundo PERUZZO (2006, 148) “a expressão comunicação comunitária é de uso recente, certamente numa tentativa de se dar conta às transformações nesse âmbito, ou seja, da passagem de uma comunicação mais centrada no protesto e na reivindicação, e muito ligada aos movimentos populares, para uma comunicação mais plural e de conteúdo abrangente.”

No Brasil, com o surgimento da mídia comunitária, as emissoras de rádio e TV's, advindas deste segmento, passam a disputar audiências com as emissoras nacionais. A legalização do sistema de comunicação comunitária se deu nos anos 90, através da Lei 8.977/95, regulamentada pelo Decreto 2206/97, Art. 23. “As operadoras de TV a Cabo, na sua área de prestação do serviço, deverão tornar disponíveis canais para serem utilizados para várias destinações, por exemplo: canal legislativo municipal/estadual, reservado para o uso compartilhado entre as Câmaras de Vereadores; um canal reservado para a Câmara dos Deputados, para o Senado Federal; um canal universitário; e um canal comunitário aberto para utilização livre por entidades não governamentais e sem fins lucrativos.”

Além da regulamentação do acesso público aos canais comunitários em TV, a Lei 9.612/98, regulamentada pelo Decreto 2.615/98, institui o serviço de Radiofusão

Comunitária. Conforme Art. 1º Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

§ 1º Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado a comunidade, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.

§ 2º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

Todos os espaços da mídia comunitária despontam como um espaço aberto a participação de qualquer entidade representativa da sociedade, sem fins lucrativos e não governamental, visando o desenvolvimento das comunidades.

A comunidades carentes normalmente são alvos de pautas policiais das grandes mídias, daí a importância da comunicação comunitária para ir, além disso, publicando em suas edições, temas que abordem o cotidiano local e que despertem a reconstrução da auto-estima dos que ali residem.

Vale aqui ressaltar os papéis desempenhados pelas mídias comunitárias, os quais a caracterizam e a encaixam nesse segmento da comunicação. A comunicação comunitária “está intimamente vinculada à organização das próprias comunidades, ou seja, à conscientização da massa trabalhadora para a reivindicação e a conquista do seu papel de agentes de transformações sociais” (MELO, 2006). Esta comunicação se dá sem nível hierárquico, de forma horizontal.

A mídia comunitária caracteriza-se pela participação direta da população na programação e na gestão do veículo de comunicação, podendo esta ser individual ou coletiva, produzindo e transmitindo as mensagens. Tem por objetivo, contribuir para o desenvolvimento comunitário, divulgando assuntos específicos das comunidades, com alcance limitado de cobertura e audiência. A propriedade pode ser de caráter coletivo, individual ou institucional, porém sem fins lucrativos e com autonomia governamental e diante de outros grupos de interesse é autofinanciada ou pode receber doações ou, ainda, apoio cultural.

Todavia, algumas propostas de comunicação comunitária são equivocadas. A ação da comunicação comunitária vai além da participação da própria comunidade e da transformação social, ela aproxima-se de um projeto liberal e reformista, que visa catalisar os anseios populares.

O surgimento de novas tecnologias vem dinamizando o processo de comunicação. Entretanto, o acesso a essas tecnologias ainda é seletivo e passa por dificuldades, tais como, o predomínio da língua inglesa nos sistemas operacionais dos computadores, a largura da banda e o capital aplicado na concretização de projetos de comunicação entravam, de certa forma, a popularização do sistema.

A internet possibilita a criação de um novo meio de comunicação, não substituindo, mas sobrepondo rádios e TV's, tornando-os mais interativos e convergentes, utilizando-se simultaneamente da linguagem escrita, sonora e visual. Surgindo assim, uma sociedade produtora-receptora dos meios de comunicação.

Segundo o professor Adilson Cabral, “já se aponta a convergência de sinais e suportes de áudio, vídeo e texto como a tendência do mercado para o século XXI”. Ele assinala o surgimento de “arquivos e extensões de áudio e vídeo [...] os *plugins* para programas de acesso a internet, e finalmente [...] rádios e TV digitais” como experiências desse processo. Diminuindo o tamanho dos arquivos e aumentando a velocidade da propagação dos dados.

Algumas barreiras são diagnosticadas na operação das mídias comunitárias e, para quebrá-las, faz-se necessário estimular a maior participação do povo no sistema da comunicação comunitária, fazendo com que “as classes trabalhadoras elaborem suas notícias e as discutam. [...] elas possam ser emissores diretos de suas próprias notícias, de sua comunicação.” (MELO, 2006). CARNICEL (2005, 50), defende que a mídia comunitária deve “fazer com que a comunidade não seja um mero receptor do veículo produzido, mas que seja, sim, um agente ativo nesse processo de elaboração” da comunicação. Ele ainda chama a atenção para a sobreposição dos meios de comunicação ao dizer que “as formas de abordagem e as reflexões sobre um determinado assunto, contidas eventualmente nos dois veículos (o de grande circulação e o comunitário), podem ampliar o leque de informações e oferecer elementos distintos para a formação de opinião do público leitor” (CARNICEL, 2003).



I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa convergindo experiências.

Considerando que o projeto Comunicação Comunitária e Alternativa em Rede na Região Metropolitana de Natal tem objetivado fazer o reconhecimento dos projetos através do mapeamento dessas atividades, mas também criar um ambiente de interação entre os Grupos e assim desenvolver atividades que proporcionem uma maior coesão entre eles. Vimos que para essa tão complicada tarefa de criar vínculos de troca informacional e experiências seria indispensável um encontro formal – apesar de não com esse clima– com os projetos mapeados. Então promovemos o I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal, realizado no auditório do Labcom, na UFRN, no dia 11 de novembro de 2010.

As atividades que culminaram no evento supracitado foram inicialmente, através de pesquisas em banco de dados do Ministério das Comunicações, Anatel, Secretaria Estadual de Cultura, mídias sociais, contatos pessoais entre integrantes do grupo de estudos, alunos e bolsistas das experiências em comunicação comunitária e alternativa na região. Para posteriormente ao mapeamento que levantou 94 projetos de comunicação comunitária e alternativa nos municípios de Natal, Parnamirim, Macaíba, São José de Mipibu, Ceará Mirim, São Gonçalo do Amarante e Nísia Floresta reuni-los no I Encontro de Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal, que congregou 20 projetos expondo o trabalho por eles desenvolvido.

Primeiramente então os esforços foram para mapear os projetos. Assim que conseguimos listá-los tínhamos que classificá-los, para isso, foi confeccionada uma ficha para que conseguíssemos coletar dados mais específicos de cada experiência. A partir daí começamos os contatos com os representantes das instituições através de ligações telefônicas e e-mail. A ideia de contatá-los era para chamar a participarem do encontro, uma estratégia para aproximação tanto dos projetos entre si como deles conosco (Projeto C.C.A.R.R.M.N. e a Universidade, alunos e docentes).

A primeira edição do Encontro de Comunicação, para acontecer teve que transpor vários obstáculos. Por exemplo, o de estabelecer contato direto com vários projetos, pois mesmo após o mapeamento alguns projetos faltavam contato telefônico e/ou e-mail e endereço. De muitos projetos a única informação disponível era o nome.

O primeiro Encontro realizado em novembro de 2010, pôde proporcionar aos projetos e à comunidade acadêmica, importante experiência de troca e dispersão de



saberes com conferência do prof. Dr. Bruno Fuser (UFJF) sobre o tema “Comunicação Comunitária, Alternativa e Cidadã em tempos de convergência digital”. Além de mesa-redonda discutindo Os caminhos da Comunicação Comunitária e Alternativa da Região Metropolitana de Natal, com a mediação de Iano Flávio Maia, do Coletivo Intervenções e Mestrando do PPgEM-UFRN. Além de 4 painéis com todos os projetos presentes divididos por categoria. Nesse momento participam: Rádio Santana (Suzana Lúcia); Revista Viração (Alessandro Muniz); Revista Catorze (Ramon Ribeiro); Site do Projeto SOS Ponta Negra (Yuno Silva); Cine Paredão – Bairro Alecrim (Lula Borges); Caminhos, Comunicação e Cultura – Produção Audiovisual (Alexandre Santos); Jornal O Canto do Jaraguá (Rudenilson Cândido); Grupo de Teatro Facetas e Mutretas (Rodrigo Bico). Após mesa-redonda promovemos 4 painéis com todos os projetos divididos por categoria na seguinte ordem de apresentação por temas – Comunicação Comunitária e Alternativa Impressa e Digital, Comunicação Comunitária e Alternativa no Rádio, Outra Comunicação é Possível. Por fim, realizamos o Painel 4 – Alternativas de Cinema com os Cineclubes.

Dos projetos participantes do evento eis um breve perfil:

O **Cine Paredão**, projeto coordenado por Lula Borges, teve início em 2009 com apoio do Cine Mais Cultura do Ministério da Cultura e consiste na projeção de filmes curta-metragem para a população natalense, além de debates sobre o conteúdo das produções cinematográficas. Em parceria com a ABDeC/RN e com o Conselho Comunitário do bairro do Alecrim, zona leste de Natal, as exhibições são realizadas uma vez por semana.

O Jornal **O Canto do Jaraguá** é coordenado por Rudnison Cândido e atua na comunidade do bairro de Felipe Camarão, zona oeste de Natal. O jornal surgiu para cobrir a Feirarte (Feira de Artesanato de Felipe Camarão), que é realizada com o objetivo de divulgar o trabalho dos artesãos e grupos culturais do bairro. Nesse contexto, o jornal entrou como um meio de divulgação da feira, bem como uma forma de expressão da comunidade.

O jornal **Clarim Natal** foi criado em 2003 e, desde então, atua na cidade do Natal como um fiscalizador do poder público e privado em nome da sociedade, sempre cobrando a solução dos problemas apontados pelas comunidades. O jornal é coordenador por Waldilene Farias.

A rádio comunitária **Santana FM** funciona há sete anos em 18 comunidades da Zona Norte de Natal: Jardim das Flores, Redinha, Residencial Redinha, Niterói-Salinas, Loteamento Algimar, Jardim Floresta, Vilage das Dunas, Ki-Panorama, Alto da Torre,



Loteamento Santo Antônio, Loteamento Santa Inês, Santarém, Soledade II, Potengi, Loteamento Nova República, Parque Floresta, Sítio Pajuçara e Alvorada. Suzana Lúcia coordena o projeto. A rádio recebeu autorização do Ministério das Comunicações em 2003.

O **SOS Ponta Negra** é um movimento de articulação comunitária em defesa da preservação ambiental. Surgiu em 2006 e mantém colaboração com Ong's, Ministério Público e Conselho Comunitário de Ponta Negra, discutindo questões que interferem na qualidade de vista e no bem-estar social do bairro. O coordenador do projeto é Yuno Silva.

O projeto **Vozes da Vila** é um radiodocumentário dividido em seis episódios de 30 minutos, que conta a história da Vila de Ponta Negra, passando por temas como pesca e surf, educação, meio ambiente, urbanismo, turismo, gastronomia, lendas, crenças, religião e artes. O projeto é produzido por Joanisa Prates, Ana Ferreira e Yuno Silva.

O grupo de teatro **Facetas, Mutretas e Outras Histórias** é um dos grandes articuladores da cultura popular do Rio Grande do Norte. O grupo iniciou suas atividades há 10 anos e, hoje, atua no descobrimento e preparação de novos artistas através do projeto artístico-pedagógico “A Arte dramática na Construção da Cidadania”. O principal articulador do movimento é o ator Rodrigo Bico. O grupo ainda desenvolve atividades no Ponto de Cultura Rebulição no Espaço Tecesol (Território de Educação, Cultura e Economia Solidária).

O Projeto Agência **Fotec (foto)jornalismo experimental** surgiu durante a XII Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura da UFRN (Cientec), realizada de 3 a 6 de outubro de 2006. A agência é um espaço para o aprendizado da produção jornalística e da fotografia de imprensa dentro da universidade. É coordenado pelo Prof. Dr. Itamar Nobre.

A **Sociedade Terra Viva (STVBrasil)** é uma Ong sócio-ambientalista que cuida do programa radiofônico Cidadina FM e do blog O Mipibuense. De acordo com Perceval Carvalho, coordenador da organização, o programa de rádio atinge cerca de 15 mil ouvintes da FM Comunitária Olho D'água. Já O Mipibuense foi em 2007 e é voltado para cidadãos do município de São José de Mipibu.

A rede de comunicadores da **Arquidiocese de Natal** é formada por mais de 300 comunicadores populares ramificados em paróquias e comunidades católicas no estado do RN. A Arquidiocese administra o jornal impresso “A Ordem” (órgão oficial), o programa



radiofônico diário "Ritmo Pastoral" (na Rural AM 1090), o site www.arquidiocese.org.br e o twitter @arqnatal.

A **Revista Viração** é uma publicação da ONG Viração Educomunicação, sediada em São Paulo-SP, com núcleos espalhados por todo o Brasil (o impresso é resultado da produção colaborativa de 23 Conselhos Editoriais da Viração, espalhados por 22 estados e o Distrito Federal). Alessandro Muniz é o principal articulador do núcleo potiguar. A revista é responsável por promover debates, oficinas, eventos e, também, por fiscalizar as mídias locais e os governos. As atividades em Natal começaram em 2007, através da Ong Companhia Terramar.

A **Revista Catorze** é um coletivo sobre jornalismo cultural, formado por jornalistas e estudantes de comunicação em 2008. A revista online trata dos mais diversos assuntos, tais como música, literatura, cinema, teatro, arte, quadrinhos, fotografia, política, entre outros. O conselho editorial é de responsabilidade de Fábio Farias, Beto Leite e Ramon Ribeiro.

O **Caminhos, Comunicação e Cultura** é um grupo de produtores culturais (jornalistas e radialistas formados pela UFRN), que iniciou as atividades em 2006 com a produção do documentário "Com quantas ave-marias se faz uma santa?". A equipe já realizou oito produções com apoio do Banco do Nordeste do Brasil S/A, compartilhando um pouco da técnica de produção audiovisual apreendida na universidade.

O jornal **Fala Mãe Luíza!** é um informativo comunitário coordenado pelo Centro Sócio-Pastoral Nossa Senhora da Conceição, localizado no bairro de Mãe Luíza, zona oeste de Natal. O impresso existe há mais de 20 anos e conta com a participação da comunidade na produção de conteúdo e com o apoio da UFRN, através da prof. Dra. Socorro Veloso, para oficinas de capacitação para aprimorar a produção do jornal. Atualmente, a equipe também mantém um blog.

O **Cineclube Natal** faz parte do movimento cineclubista do Brasil. Fundado em 2005, visa pessoas interessadas em assistir, discutir, produzir e pesquisar cinema. O projeto tem como presidente Pedro Fiuza, que iniciou as atividades em 2005. O cineclube tem quatro tipos de exibições mensais, a saber: Cine Café, Cine Café Extra, Cine Vanguarda e Cine Assembléia.

O **Coletivo Foque de Comunicação** é formado por jornalistas, pesquisadores, designers, fotógrafos e ilustradores ligados ao movimento social, sendo um veículo de contestação da política e mídia local do RN. O coletivo produz jornais, documentários, intervenções públicas, assessoria, cursos e oficinas sobre comunicação livre.

A rádio comunitária **Melancia FM** atua na comunidade quilombola Acauã em Poço Branco há 1 ano e 3 meses. Os programas produzidos pela rádio são feitos pela comunidade. As principais articuladoras do projeto são Margarida Ozaneide e Jeane Ferreira.

O **Centro de Cultura da Vila de Ponta Negra** foi fundado 2002 por profissionais liberais que residem no bairro. Em 2004, através do projeto “Sons da Vila” se estabeleceu como Ponto de Cultura. É coordenado por Maíra Leal.

O **Cine Clube do Pium** é parte de uma parceria entre a Ong MOVACI (Ponto de Cultura do Pium) com o Programa Cine Mais Cultura do Ministério da Cultura. Tem sessões todos os sábados e é administrado por Esso Alencar.

Os **Telecentros Comunitários** são desenvolvidos pela Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (Semtas), do Governo do Estado do RN. A principal contribuição dos telecentros para os cidadãos potiguares é através do programa “ABC da informática”, que oferece cursos de iniciação à computação.

Avaliando sua realização podemos dizer que o I Encontro de Comunicação alcançou o seu maior objetivo, a efetivação de um estreitamento de relação dos projetos entre si, com a Universidade, com os alunos e proporcionar que com a consciência dos trabalhos em desenvolvimento essa aproximação se consolide em um fortalecimento e enriquecimento das discussões da comunicação comunitária e alternativa. E que os alunos da comunidade acadêmica possam tomar consciência de uma comunicação feita por meios não Hegemônicos, como forma de se buscar uma participação mais efetiva da sociedade na propagação das informações e seus agendamentos.

4.1 Ferramentas usadas pelo Projeto Convergência

Há dois pontos a se destacar no quesito “tecnologias digitais” com relação ao Projeto Convergência Digital. O primeiro, as tecnologias que o próprio grupo – coordenador e bolsistas – usa para alavancar o projeto. Estão entre essas ferramentas blog, email e Twitter. Segundo SOUZA (2009, p.31), “qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog”, e ainda “um blog pode ter qualquer tipo de conteúdo e ser utilizado para diversos fins”.

Com o objetivo de socializar o conhecimento nas áreas de convergência digital, comunicação comunitária e comunicação alternativa, além de servir como mapeamento das reflexões de indexador (banco de dados) de práticas sobre os temas estudados e

também o potencial de vir a ser um espaço colaborativo entre as experiências que estão participando da proposta, os integrantes do projeto Convergência criaram o blog Convergência Digital e Comunicação Comunitária, que também tem o intuito de ser um canal de comunicação com os grupos estudados na pesquisa.

O endereço do mesmo é o www.convergenciacomunitaria.wordpress.com. O servidor WordPress não foi escolhido à toa. Além de ter um serviço gratuito, trata-se de uma mídia livre. O email (convergecom.pesquisa@gmail.com), do servidor Gmail, foi escolhido por oferecer uma gama de possibilidades que outros emails gratuitos não têm.

Outra ferramenta bastante utilizada é o micro-blogging *Twitter*. Segundo Seixas (2009, p.45), micro-blogging é uma faceta diminuta de um blog tradicional que funciona como uma casca de nós, pois cabe muito pouco e ainda assim cabe muita coisa. Como forma de suporte ao blog, foi criada uma conta no *Twitter* (www.twitter.com/convergecom), no qual são postadas as chamadas para as notícias no blog.

4.2 Análise das ferramentas usadas pelos grupos

De acordo com o mapeamento da pesquisa, foram encontrados 94 projetos de comunicação comunitária e/ou alternativa atuando na Região Metropolitana de Natal. Desse total, 20 projetos demonstraram interesse em aderir à rede, que é a fatia que serviu de apoio para a pesquisa atual. Dos vinte projetos participantes, tem-se o seguinte quadro:

Projetos em rádio – 4

Projetos em cinema – 4

Projetos em impresso – 5

Projetos em arte – 1

Projetos em internet – 5

Projetos em audiovisual - 1

Essa relação corresponde a principal mídia que eles utilizam, o que não impede que estes projetos atuem em outras mídias para complementar o trabalho e divulgá-lo. Desse modo, eis os projetos que utilizam mais de uma mídia: Revista Viração, Sociedade Terra Viva, Arquidiocese de Natal, Vozes da Vila e Cineclube Natal. Ou seja, 25% dos projetos participantes atuam em mais de um campo. Todos esses projetos, além da mídia principal que utilizam, têm ampla atuação na internet como meio de extensão do trabalho que fazem.

As tecnologias digitais entram, nesse processo, ou como mídia central de produção ou como auxílio para a produção de conteúdo para os demais projetos. Também destaca-se o uso das mídias sociais como meio de divulgação das ações dos projetos por meio de mídias sociais como o Orkut, Facebook, YouTube, blogs e Twitter, principalmente. O uso de equipamentos ou tecnologias digitais também é frequente, mesmo que a mídia de atuação não seja ligada ao meio digital. Eis o quadro dos projetos que utilizam mídias digitais (intensa ou eventualmente):

Projetos que utilizam blogs/sites – 15

Projetos que utilizam o Orkut – 12

Projetos que utilizam o Twitter - 7

Projetos que utilizam o Facebook – 5

Projetos que utilizam o YouTube - 4

Dos 20 projetos pesquisados, 15% não responderam o questionário. Portanto, 17 projetos (dos 20 totais) foram considerados para estabelecer as porcentagens mostradas abaixo:

94, 11% dos projetos usam pen drive

82,35 % dos projetos usam CD e/ou DVD

17,64 % dos projetos usam streaming de áudio e/ou vídeo

76,47 % dos projetos usam câmeras ou filmadoras digitais

58,82 % dos projetos usam data show para a projeção de filmes

64,70 % dos projetos usam programas de edição em vídeo, áudio, texto e/ou imagem

23,52 % dos projetos usam webcam

17,64 % dos projetos usam smartphone

17,64 % dos projetos usam outros meios, tais como tablets, gravadores digitais, scanners, entre outros.

As principais dificuldades relatadas pelos projetos são: falta de uma sede própria, falta de apoio e/ou incentivos dos governos locais, dificuldades em encontrar profissionais especializados para atuarem na produção do projeto, dificuldades na divulgação do projeto, já que a mídia local reserva pouco espaço para a divulgação das ações de projetos comunitários e alternativos, falta de equipamentos próprios para utilização, burocracia para obtenção de licenças para atuar (no caso dos jornais impressos e rádios).

Nesse sentido, as dificuldades financeiras para a viabilização desses projetos (custos de produção, impressão, veiculação, divulgação e distribuição, etc) impedem uma produção mais efetiva, muitas vezes adiando edições ou programas por falta de capital.

De acordo com o que foi mapeado, encontrou-se uma conexão entre os projetos Vozes da Vila, SOS Ponta Negra e grupo Facetas, Mutretas e Outras Histórias. A conexão existe por causa do radiodocumentário Vozes da Vila, que é produzido por Joanisa Prates, Ana Ferreira (estudantes de Rádio e TV na UFRN) e Yuno Silva (do SOS Ponta Negra) e narrado pelo ator Rodrigo Bico, do Grupo Facetas, Mutretas e Outras Histórias. Por causa da produção do programa e porque o documentário é sobre a Vila de Ponta Negra (de onde são os produtores), a conexão foi estabelecida.

Com relação ao tipo de projeto, classificou-se da seguinte maneira, de acordo com a atuação de cada um na região em que se situam e do conteúdo que produzem: Projetos considerados comunitários: Rádio Santana FM, Rádio Melancia FM, Cine Paredão, jornal O Canto do Jaraguá, jornal Fala Mãe Luíza!, Sociedade Terra Viva, Centro de Cultura Vila de Ponta Negra, SOS Ponta Negra, Vozes da Vila, Cineclube Ponto de Cultura Pium.

Projetos considerados alternativos: Caminhos, Comunicação e Cultura, Jornal Clarim Natal, Coletivo Foque de Comunicação, Revista Catorze, Cineclube Natal, Revista Viração, FOTEC, Facetas, Mutretas e Outras Histórias, Telecentros Comunitários, Arquidiocese de Natal.

5-Considerações finais

De 94 projetos de comunicação alternativa e/ou comunitária atuando na Região Metropolitana de Natal, somente pôde-se desenvolver o trabalho com 20 projetos que demonstraram interesse. As áreas de atuação são rádio (4 projetos), cinema (4), impressos (5), internet (5), arte (1) e audiovisual (1). As tecnologias digitais entram, nesse processo, ou como mídia central de produção ou como auxílio para a produção de conteúdo para os demais projetos.

O uso de equipamentos ou tecnologias digitais também é frequente, mesmo que a mídia de atuação não seja ligada ao meio digital. Os mais usados são blogs/sites (15) e Orkut (12). E como tecnologias, o Pen Drive (94,11%); CD/DVD (82,35%) e filmadoras/câmeras digitais (76,47%). A maior parte dos projetos sofre por falta de infraestrutura, de profissionais e de formas efetivas de autofinanciamento. A convergência digital é, ao mesmo tempo, uma realidade e uma promessa.

E a internet, embora não tenha sido significativa para a constituição de redes entre os projetos analisados, demonstra ser hoje um dos principais canais para por em circulação as informações produzidas no âmbito dos projetos. Ou seja, mesmo com uma nova mídia, a lógica ainda parece ser, na maior parte, de transmissão e visibilidade e não de conversação e interação digital.

Diante da aceleração do tempo provocada pelas tecnologias de comunicação e informação, faz-se necessário ampliar o escopo de pesquisas e acumular um tempo de maturação sobre a apropriação e os usos destas tecnologias em localidades específicas. Pensar as dinâmicas locais é fundamental para compreender e situar os processos globais da convergência digital, identificando parâmetros concretos de sua realização no cotidiano.

As futuras ações do projeto estarão centradas na realização das pesquisas de campo. A perspectiva é delimitar o campo empírico a partir de um recorte representativo das dimensões comunitária e alternativa em cinco eixos: rádio, imprensa, internet, cinema, projetos cidadãos de comunicação e inclusão digital.

Por meio das ações de campo, há a pretensão de criar um vínculo com o dia-a-dia de trabalho dessas comunidades e, então, observar e detalhar o tipo de transformação social e cultural que esses projetos promovem nas comunidades em que atuam. Não há somente a preocupação em saber como esses grupos se comunicam em rede, nem como utilizam as tecnologias digitais para exercer o seu trabalho, mas também caracterizar possíveis transformações no cotidiano das práticas comunitárias e cidadãos no exercício da produção midiática comunitária ou alternativa.

A partir disso, a realização de debates sobre os rumos da comunicação comunitária e alternativa do Rio Grande do Norte serão intensificados. A articulação de novos encontros de comunicação será feita com o apoio da extensão e do ensino, melhorando, assim, os contatos em rede. A intenção dessa pesquisa, além de estudar as formas de interação entre esses projetos, é contribuir para um movimento comunitário e alternativo mais forte dentro da região metropolitana de Natal.

REFERÊNCIAS

CARNICEL, Amarildo. “O jornal comunitário como estratégia de educação não-formal”. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação – Unicamp, 2005.



CABRAL, Adilson. Comunicação Comunitária no Século XXI. Professor da Universidade Estácio de Sá- RJ. Mestre e Doutorando em Comunicação Social pela UMESP. <http://www.comunicacao.pro.br/artcon/comcom.htm> acessado em abril de 2011.

MELO, José Marques de. “Teoria do jornalismo - Identidades brasileiras” São Paulo, PAULUS, 2006.” – “Jornalismo comunitário: o fortalecimento da cidadania”

PERUZZO, Cicilia. “Mídia comunitária”. In: Revista Comunicação e sociedade (no. 30). São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.

PERUZZO, Cicilia. “Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária”. In: Anuário

SPYER, Juliano, SOUZA, Edney, SEIXAS, Fábio. **Para entender a Internet**: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Editora Não Zero, 2009.